



ESCOLA SUPERIOR DE CONSERVAÇÃO AMBIENTAL E SUSTENTABILIDADE

**MONTEIRO LOBATO, UM DOS PRECURSORES DO PENSAMENTO
AMBIENTAL NO SÉCULO XX?**

Por

RICARDO MARIANO MARCONDES FERRAZ

NAZARÉ PAULISTA / SP, 25 maio 2026



ESCOLA SUPERIOR DE CONSERVAÇÃO AMBIENTAL E SUSTENTABILIDADE

**MONTEIRO LOBATO, UM DOS PRECURSORES DO PENSAMENTO
AMBIENTAL NO SÉCULO XX?**

Por

RICARDO MARIANO MARCONDES FERRAZ

COMITÊ DE ORIENTAÇÃO

PROF. DR. CLÁUDIO BENEDITO VALLADARES PÁDUA

PROF. DR. JOSÉ AUGUSTO PÁDUA

**TRABALHO FINAL APRESENTADO AO PROGRAMA DE MESTRADO
PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE E DESENVOLVIMENTO
SUSTENTÁVEL COMO REQUISITO PARCIAL À OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE**

**IPÊ – INSTITUTO DE PESQUISAS ECOLÓGICAS
NAZARÉ PAULISTA / SP, 25 maio 2026**

Ficha Catalográfica

FERRAZ, Ricardo Mariano Marcondes

Monteiro Lobato, um dos Precursores do Pensamento Ambiental no Século XX? / Ricardo Mariano Marcondes Ferraz, Nazaré Paulista/SP, 2026.

Trabalho Final: IPÊ – Instituto de Pesquisas ecológicas

1. Pensamento ambiental
2. Jeca Tatu
3. Desenvolvimento sustentável

Escola Superior de Conservação Ambiental e Sustentabilidade, IPÊ

BANCA EXAMINADORA

Nazaré Paulista/SP, 15 JULHO 2026

Prof. Dr. Cláudio Benedito Valladares Pádua

Prof. Dr. José Augusto Pádua

Profa. Dra. Vanete Santana-Desmann

Vivenciar a diversidade de sentimentos compartilhados por aqueles que estiveram próximos nessa jornada reforça a certeza de que cada etapa percorrida representou uma importante realização.

Os ensinamentos de Vladimir Sacchetta permanecem entre as mais valiosas inspirações.

Guardarei todos os momentos com muito afeto e gratidão.

Muito obrigado!

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	3
SUMÁRIO	4
RESUMO	5
ABSTRACT	6
INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO 1 – PENSAMENTO AMBIENTAL	8
CAPÍTULO 2 – MONTEIRO LOBATO E O MEIO AMBIENTE	13
CAPÍTULO 3 – BIODIVERSIDADE E CONSERVAÇÃO NA LITERATURA LOBATIANA.....	21
CAPÍTULO 4 – MONTEIRO LOBATO PRECURSOR?.....	27
CAPÍTULO 5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
CAPÍTULO 6 – BIBLIOGRAFIA	40

RESUMO

MONTEIRO LOBATO, UM DOS PRECURSORES DO PENSAMENTO AMBIENTAL NO SÉCULO XX?

Por
RICARDO MARIANO MARCONDES FERRAZ

JULHO, 2026

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Benedito Valladares Pádua

No atual cenário onde o debate ambiental ocupa lugar de destaque, proponho com essa dissertação uma análise ordenada da obra e do pensamento de Monteiro Lobato, com foco em sua trajetória intelectual e na coexistência entre matrizes eugenistas e uma sensibilidade ambiental ainda pouco reconhecida. Para isso, foram analisados textos, ensaios, cartas e obras da literatura infantil e adulta, com destaque para a figura do Jeca Tatu como eixo fundamental para compreender a relação entre sociedade, território e natureza e a evolução desse processo ao longo dos tempos. O estudo apresenta elementos que dialogam com as teses centrais do pensamento ambiental contemporâneo e apontam para um atraso na compreensão, pela sociedade, dos temas ligados ao ambiente, à educação, ao saneamento e ao solo.

PALAVRAS-CHAVE: Monteiro Lobato; Pensamento ambiental; Jeca Tatu; Sociedade; Natureza.

ABSTRACT

MONTEIRO LOBATO, ONE OF THE FORERUNNERS OF ENVIRONMENTAL THOUGHT IN THE 20TH CENTURY?

By

RICARDO MARIANO MARCONDES FERRAZ

JULY, 2026

Advisor: Prof. Dr. Cláudio Benedito Valladares Pádua

In the current context, in which environmental debate occupies a prominent place, this dissertation proposes an organized analysis of the work and thought of Monteiro Lobato, focusing on his intellectual trajectory and on the coexistence between eugenic matrices and an environmental sensitivity that remains insufficiently recognized. To this end, texts, essays, letters, and works of children's and adult literature were analyzed, highlighting the figure of Jeca Tatu as a central axis for understanding the relationship between society, territory, and nature, and the evolution of this process over time. The study presents elements that dialogue with the central theses of contemporary environmental thought and point to a delay, on the part of society, in the understanding of issues related to the environment, education, sanitation, and soil.

KEYWORDS: Monteiro Lobato; Environmental thought; Jeca Tatu; Society; Nature.

INTRODUÇÃO

A defesa do meio ambiente se consolidou, ao longo das últimas décadas, como um dos temas centrais no debate público contemporâneo. Ainda assim, é possível identificar em escritores do passado, a presença de uma consciência ambiental.

Monteiro Lobato, figura essencial da cultura e da literatura brasileira, é um desses personagens!

A presente dissertação tem como objetivo analisar as manifestações de sensibilidade ambiental na obra de Monteiro Lobato, compreendendo-as a partir da trajetória intelectual e do contexto histórico em que foram formuladas. E, dessa forma, investigar como sua literatura, seu engajamento político e suas reflexões econômicas e sociais anteciparam ou dialogaram com princípios que hoje são caros à conservação da biodiversidade e ao desenvolvimento sustentável.

Entre os diversos personagens mobilizados por Lobato, o Jeca Tatu assume um papel central, sendo entendido como eixo da evolução de seu pensamento acerca da relação entre sociedade, ambiente e natureza.

Inspirado por reflexões de pensadores e pesquisadores como José Bonifácio de Andrada e Silva, Aldo Leopold, Gifford Pinchot e Alberto Torres cujas realizações marcaram o desenvolvimento do pensamento ambiental ocidental, buscaremos lançar luz sobre os pontos de contato e originalidade presentes no percurso lobatiano.

Além do clássico infantil 'O Sítio do Picapau Amarelo', tomaremos como referência as obras: 'A Reforma da Natureza', 'A Barca de Gleyre', 'Cidades Mortas', 'Caçadas de Pedrinho', 'Ideias de Jeca Tatu', 'Urupês', 'O Saci Pererê', 'Problema Vital', 'Histórias de Tia Nastácia', 'Mr. Slang e o Brasil', 'Histórias Diversas', 'A Onda Verde', 'A Chave do Tamanho', 'Na Antevéspera', 'Cartas Escolhidas', 'Fragmentos, Opiniões e Miscelânea', 'América', 'O Poço do Visconde', 'Reinações de Narizinho' e 'Velha Praga'.

A metodologia adotada se baseia em análise textual e cruzamento bibliográfico, privilegiando uma abordagem interdisciplinar. A dissertação está organizada em seis capítulos: Pensamento Ambiental; Monteiro Lobato e o Meio Ambiente; Biodiversidade e Ecologia na Literatura Lobatiana; Monteiro Lobato, um precursor?; Considerações Finais; e Bibliografia.

CAPÍTULO 1 – PENSAMENTO AMBIENTAL

O pensamento ambiental moderno consolidou-se a partir de um longo processo de amadurecimento teórico e ético que teve início em meados do século XIX, com *Charles Darwin*¹(1809-1882), momento em que a natureza deixou de ser vista como cenário fixo e passou a ser compreendida como um sistema dinâmico, marcado por interações, adaptações e equilíbrio entre espécies. Essa percepção — de que a vida é regida por relações ecológicas — aparece inicialmente em seus relatos de viagem, publicados em 1839 sob o título de *‘Journal and Researches’* e, posteriormente consolidada com *‘A Origem das Espécies’* que influenciou sobremaneira os rumos das ciências naturais e preparou o terreno para o florescimento do pensamento ecológico.

Todavia em 1815, exatos 24 anos antes da primeira publicação de Darwin, segundo pesquisa realizada por *Maurecir Guimarães de Moraes*², o tema ambiental foi apresentado de forma inédita pelo naturalista e político brasileiro *José Bonifácio de Andrada e Silva* (1763-1838) que, na ocasião, ocupava o cargo de superintendente das obras de reflorestamento nos areais das costas marítimas em Portugal. Seu livro *‘Memórias sobre a necessidade e utilidades dos bosques em Portugal’* introduziu temas ecológicos e reflexões sobre uso e conservação de recursos naturais que passariam a fazer parte de seus posicionamentos e propostas, ao ocupar a cadeira de ministro do reino de Dom Pedro I e a de tutor do futuro Rei – Dom Pedro II.

No início do século XX (1910), no contexto da plataforma do Novo Nacionalismo, o governo americano de Theodore Roosevelt apresenta a pioneira proposta para uma ação nacional de conservação ambiental. Tendo como principal articulador *Gifford Pinchot*, autor da obra *‘The Fight for Conservation’*, foi estruturada a visão de futuro baseada no uso racional dos recursos naturais, prática hoje adotada e difundida no mundo pela afirmação: “o grande objetivo do movimento de conservação é fazer do País um lar permanente e próspero para nós e nossos filhos”³.

¹ DARWIN, C.; *A Origem das Espécies*. São Paulo/SP: Edipro, 2018.

² MORAES, M.G.de; *O pensamento ambiental em José Bonifácio de Andrada e Silva*. Revista Vértices, [S. l.], v. 16, n. 2, p. 129–142, 2015.

³PINCHOT, Gifford; *The Fight for Conservation*. The Project Gutenberg Ebook, 2024 Garrett Alley and Online Distributed Proofreading Team www.gutenberg.org

Voltando os olhos para o Brasil dessa época, encontramos na publicação intitulada '*O Problema Nacional Brasileiro*', de autoria do intervencionista *Alberto Torres*, um convite para uma ação conservadora com relação à expansão das fronteiras agrícolas e uso de recursos naturais, ao afirmar: "*A civilização tem o dever de conservar as riquezas inexploradas da terra, reservas destinadas às gerações futuras e de defender as que estão em produção, contra a exploração imprevidente*"⁴.

Nesse ambiente outro importante movimento foi realizado no Brasil, dessa vez pelo botânico *Alberto José Sampaio*⁵ que organizou a instalação em 1934 do 1º Congresso Brasileiro de Proteção à Natureza, institucionalizando dessa forma a conservação como tema nacional; fato posteriormente enfatizado com a publicação '*Biogeographia Dynamica: A Natureza e o Homem no Brasil*', reforço explícito à tese na busca de melhor compreensão técnica e científica da natureza, e suportado por inúmeras citações de importantes pensadores a favor de ações para proteção e avanços na articulação entre a política ambiental e a ciência botânica.

Nesses tempos, na América do Norte a célebre publicação '*Almanaque de um condado arenoso*' de *Aldo Leopold* ganha destaque ao sintetizar em uma frase a pedra fundamental para todo e qualquer pensamento preservacionista: "*Uma coisa é certa quando tende a preservar a integridade, a estabilidade e a beleza da comunidade biótica. É errada quando tende ao contrário*"⁶, abrindo definitivamente espaços para a visão sobre a ética da terra.

Mesmo assim, diante de crises ecológicas, sociais e econômicas que desafiaram a relação entre humanidade e natureza, foram necessários outros movimentos para consolidar uma consciência ambiental mais abrangente. Tais movimentos abriram espaço para novas percepções, dentre essas a que o uso indiscriminado de pesticidas gera efeitos nocivos sobre o ambiente e sobre as pessoas. O tema foi investigado e denunciado pela voz impactante da bióloga norte-americana *Rachel Carson*⁷ em '*Primavera Silenciosa*', livro que se tornou um clássico e promoveu quebra de paradigmas gerando forte repercussão no Congresso Americano.

⁴ TORRES, A.; *O Problema Nacional Brasileiro*. Companhia Editora Nacional, Coleção Brasileira v 16, 1978.

⁵ SAMPAIO, A.J.; *Biogeographia Dynamica: A Natureza e o Homem no Brasil*. Companhia Editora Nacional, Biblioteca Pedagógica Brasileira, coleção Brasileira, 1935. São Paulo/SP. <https://brasiliandigital.com.br>

⁶ LEOPOLD, A.; *Almanaque de um condado arenoso e alguns ensaios sobre outros lugares*. Belo Horizonte/MG: Ed. UFMG, 2019.

⁷ CARSON, R.; *Primavera silenciosa*. São Paulo/SP: Editora Gaia, 2010.

A partir desse fato, estudiosos e pensadores promovem uma verdadeira revolução ao debruçar sobre questões ligadas a conservação, ecologia e diversidade biológica.

Os desdobramentos foram inevitáveis e surgem estudos que sintetizam métodos de avaliação da biodiversidade, agregando valor nas ações suportadas por serviços ambientais proporcionados por ecossistemas presentes em cada bioma, destacamos os apresentados por *Richard B. Primack*⁸ e *Efraim Rodrigues* no livro '*Biologia da Conservação*' que sugere um novo caminho para evolução do conceito de conservação ambiental.

O pensamento ambiental moderno também ganha novos contornos com o avanço de conceitos como o Antropoceno, que delimita uma era geológica marcada pela ação humana no planeta. *Ian Angus*⁹, com a obra '*Enfrentando o Antropoceno*', alerta para os impactos sistêmicos da degradação ambiental e as desigualdades globais que ela aprofunda, reforçando a urgência de uma ética planetária capaz de enfrentar os desafios socioecológicos contemporâneos.

*David Graeber e David Wengrow*¹⁰ ao proporem uma releitura da história humana revelam em '*O Despertar de Tudo*' que, as sociedades ancestrais experimentaram múltiplas formas de relação com a terra, com a biodiversidade e com os bens comuns. Essa perspectiva histórica amplia o entendimento das possibilidades humanas de coexistência com o meio ambiente, mostrando que os caminhos do desenvolvimento são diversos e tortuosos.

Como exemplo, temos a proposta formulada no livro '*Ideias para adiar o fim do mundo*' de *Ailton Krenak*¹¹, que parte do reconhecimento de que nunca nos separamos do mundo natural e que é fundamental repensarmos a relação entre desenvolvimento e pertencimento, em contraponto a um modelo de civilização baseado na separação entre humanos e natureza.

⁸PRIMACK, R.B.; RODRIGUES, E.; *Biologia da Conservação*. Londrina/PR: Editora Planta, 2007. ISBN 85-902202-1-3 Depósito Legal na Biblioteca Nacional.

⁹ ANGUS, I.; *Enfrentando o Antropoceno: capitalismo fóssil e a crise do sistema terrestre*. São Paulo/SP: Boitempo, 2023.

¹⁰ GRAEBER, D.; WENGROW, D.; *O despertar de tudo: uma nova história da humanidade*. São Paulo/SP: Cia. das Letras, 2022.

¹¹ KRENAK, A.; *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo/SP: Companhia das Letras, 2020.

Pela experiência radical *Henry David Thoreau*¹², em '*Walden*', oferece uma visão existencial da natureza como fonte de renovação espiritual e resistência ao conformismo da sociedade industrial; propõe a construção de uma forma distinta de perceber a existência através de um caminho novo a ser trilhado.

Essa crítica ao antropocentrismo também aparece na obra de *John Gray*¹³, '*Cachorros de palha*', em que o autor questiona a ideia de que os humanos são os senhores da natureza. Sua visão niilista e provocadora desestabiliza as noções tradicionais de progresso e domínio, sugerindo que a arrogância humana frente ao meio ambiente carrega em si a semente do colapso.

*Mauro Galetti*¹⁴, em '*Um naturalista no Antropoceno*', apresenta reflexões afiadas sobre o impacto humano na biodiversidade e na estrutura das paisagens naturais. Seu olhar interdisciplinar alerta para a perda silenciosa de funções ecológicas em ambientes fragmentados, chamando atenção para a perda invisível dos serviços ecossistêmicos.

Por outro lado, estudiosos como o professor titular esalqueano *Adilson D. Paschoal Ph.D*, pioneiro do movimento ecológico e da agricultura orgânica, abriu espaço no seu best seller '*Pragas, agrotóxicos e a crise ambiental: problemas e soluções*', para uma abordagem ecológica da agricultura considerando limites ao uso de agrotóxicos, respeitando os ciclos naturais e expandindo o pensamento ambiental; posições essas destacadas desde a dedicatória: "*Àqueles que, usando agrotóxicos por julgá-los benéficos, contribuem para livrar o homem da fome e do sofrimento; e àqueles que, deixando de usá-los por julgá-los maléficos, contribuem para livrar a biosfera de uma catástrofe geral, dedico.*"¹⁵.

Outro exemplo fantástico é o percorrido nas práticas de manejo sustentável das abelhas nativas brasileiras que encontraram em *Paulo Nogueira-Neto*¹⁶ seu maior expoente e divulgador. Sua obra '*Vida e criação de abelhas indígenas sem ferrão*' é amplamente reconhecida como a principal referência sobre meliponicultura, um verdadeiro marco na sistematização do conhecimento técnico e científico sobre as

¹² THOREAU, H.D. *Walden ou A vida nos bosques*. Edipro, 2018.

¹³ GRAY, J.; *Cachorros de palha: reflexões sobre humanos e outros animais*. Rio de Janeiro/RJ: Record, 2006.

¹⁴ GALETTI, M. *Um naturalista no Antropoceno: um biólogo em busca do selvagem*. São Paulo/SP: Editora Unesp, 2024.

¹⁵ PASCHOAL, A.D.; *Pragas, agrotóxicos e a crise ambiental: problemas e soluções*. São Paulo/SP: Expressão Popular, 2019.

¹⁶ NOGUEIRA-NETO, P.; *Vida e criação de abelhas indígenas sem ferrão*. São Paulo/SP: Editora Nogueirapis, 1997.

abelhas nativas sem ferrão no Brasil. Com ela, Nogueira-Neto consolidou a meliponicultura como prática capaz de aliar conservação da biodiversidade, geração de renda e valorização dos saberes tradicionais. Sua atuação foi decisiva para o reconhecimento da importância ecológica e produtiva dos polinizadores, além de inspirar políticas públicas de preservação.

Essa dimensão ecológica e produtiva da polinização também é aprofundada na obra de *Alexandra Maria Klein*¹⁷ e colaboradores (2020), que evidenciam os benefícios diretos da polinização dirigida sobre diversas culturas agrícolas, demonstrando a relevância econômica e ecológica dos insetos na produtividade e qualidade das lavouras.

A valorização dos processos naturais como aliados da produção agrícola reforça pontos intuídos por Monteiro Lobato que, em sua literatura e em seus escritos públicos, defendia a inteligência no uso dos recursos da terra, o respeito aos ciclos da natureza e a busca de práticas agrícolas que concilhassem produtividade e sustentabilidade — antecipando, de forma pioneira, o olhar da agroecologia contemporânea e reforçando de forma tácita o poder da sabedoria cabocla.

E tudo culmina na leitura antropológica oferecida por *Darcy Ribeiro*¹⁸, em '*O povo brasileiro*', que ressignifica a figura do 'caboclo' ou 'caipira' como síntese de um saber ecológico popular, ancestral e invisibilizado, escancarando o seu valor, alinhando dessa forma com as correções promovidas por Lobato ao longo das escritas em especial sobre o Jeca Tatu, mas esse é assunto para aprofundar mais adiante.

Todas as contribuições mencionadas contribuem na formação da base de um pensamento ambiental que articula ciência, respira filosofia, engrandece política e vive espiritualidade. É sobre esse alicerce que buscaremos interpretar o legado lobatiano, observando o modo como ele incorpora, ainda que com linguagem própria, padrões morais como conservação, equilíbrio ecológico, justiça social e valorização dos saberes locais.

¹⁷ KLEIN, A.-M.; FREITAS, B.M.; BOMFIM, I.G.A.; BOREUX, V.; FORNOFF, F.; OLIVEIRA, M.O.; *A Polinização Agrícola por Insetos no Brasil – Um Guia para Fazendeiros, Agricultores, Extensionistas, Políticos e Conservacionistas*. Albert-Ludwigs University Freiburg, Nature Conservation and Landscape Ecology, 2020. DOI:10.6094/UNIFR/151237.

¹⁸ RIBEIRO, D.; *O povo brasileiro: evolução e o sentido do Brasil*. São Paulo/SP: Companhia das Letras, 1995.

CAPÍTULO 2 – MONTEIRO LOBATO E O MEIO AMBIENTE

Monteiro Lobato jamais se limitou ao ofício de escritor. Sua trajetória se confunde com a de um intelectual engajado, atento às transformações sociais, econômicas e políticas do Brasil e do mundo. Atuante em diversos campos – da literatura à indústria, da diplomacia ao jornalismo – sua obra revela uma visão ampla e crítica sobre o país, marcada por um desejo persistente de modernização e justiça social. O compromisso com o futuro do Brasil, ainda que muitas vezes controverso, permeia seus escritos e suas ações, inclusive no que tange à valorização do território, dos recursos naturais e da identidade nacional.

Desde os primeiros anos de sua produção intelectual, Monteiro Lobato demonstrava inquietação profunda com a preservação dos recursos naturais, em especial a água, considerada por ele elemento vital para a vida. Sua percepção de que a destruição das matas e dos solos comprometeria irreversivelmente regatos, fontes e rios — gerando perdas de qualidade para a vida — redundou em ações que ecoam nas políticas públicas contemporâneas.

Nessa hora peço permissão ao leitor para inserir duas contundentes escritas de Lobato em defesas das florestas.

“O tumultuário das florestas

A pecha de tumultuário dada pelos observadores levianos ao interior das florestas vem de que lhes foge justamente a coisa bela por excelência nas matas: o regime ingênito de cada espécie vegetal, o seu modo normal de crescer e engalhar, as modificações a que se submete por contingências da vizinhança. A adaptação daquele jogo de ‘ânsias de viver’ é tão bem realizada que a flora inteira – da árvore gigantesca ao arbusto mesquinho – subsiste íntegra como um todo harmônico, esplendidamente belo, onde cada vida – orquídea, parasita, liana, musgo ou líquen – tem uma função de nota musical em sinfonia. A floresta é um concerto sinfônico de formas, de cores, de apetites e lutas.”¹⁹

¹⁹ LOBATO, Monteiro; “O Tumulatório das Florestas” In: *Fragmentos, opiniões e miscelânea*. São Paulo/SP: Globo, 2010.

Assim, ao exclamar: “A floresta é um concerto sinfônico de formas, de cores, de apetites e lutas.” Monteiro Lobato reforça a necessidade de um vínculo universal de cada espécie vegetal para seu pleno ajuste ao meio. Esse “tumulto” empodera a harmonia e sinaliza para a adaptação de toda natureza como uma verdadeira sinfonia.

A preocupação em mostrar, com clareza, sua paixão pelas belezas da natureza é intencionalmente invertida no conto ‘A Velha Praga’, quando Lobato apresenta como exemplo a ação do bicho homem, sem limites, ao atear fogo para avançar com a única visão de tomar o que existe sob a justificativa da sobrevivência.

“Preocupa à nossa gente civilizada o conhecer em quanto fica na Europa por dia, em francos e cêntimos, um soldado em guerra; mas ninguém cuida de calcular os prejuízos de toda sorte advindos de uma assombrosa queima destas. As velhas camadas de húmus destruídas; os sais preciosos que, breve, as enxurradas deitarão fora, rio abaixo, via oceano; o rejuvenescimento florestal do solo paralisado e retrogradado; a destruição das aves silvestre e o possível advento de pragas insetiformes; a alteração para pior do clima com a agravação crescente das secas; os vedos e aramados perdidos; o gado morto ou depreciado pela falta de pastos; as cento e um particularidades que dizem respeito a esta ou aquela zona e, dentro delas, a esta ou aquela “situação” agrícola.”²⁰

Ambas as colocações se apresentam como um incentivo à conservação das zonas ripárias, à revitalização de bacias hidrográficas, à criação de áreas de preservação permanente e a outros instrumentos de proteção dos recursos hídricos, que reforçam os princípios consagrados pela *Política Nacional de Recursos Hídricos (Lei nº9.433/1997)*²¹ e pela *Lei de Proteção da Vegetação Nativa (Lei nº 12.651/2012)*²².

Tais preocupações Lobato já intuía ao associar natureza, solo e água como partes indissociáveis da existência humana e ao criticar práticas predatórias que se

²⁰ LOBATO, Monteiro; “A Velha Praga”. In: *Urupês e outros contos*. Jandira/SP: Ciranda Cultural, 2019.

²¹ BRASIL. Lei nº 9.433, de 8 de janeiro de 1997. Institui a Política Nacional de Recursos Hídricos. Diário Oficial da União, Brasília/DF, 9 jan. 1997.

²² BRASIL. Lei nº 12.651, de 25 de maio de 2012. Dispõe sobre a proteção da vegetação nativa. Diário Oficial da União, Brasília/DF, 28 maio 2012.

revelam socialmente danosas e ambientalmente degradantes, promovendo resultados mesquinhos, sem benefício algum à sociedade. Em síntese, seu pensamento permite compreender que a destruição das matas é fatal, pois leva ao esgotamento das fontes, ao secamento dos regatos, à degradação do solo, ao empobrecimento da terra e à miséria nas lavouras.

Permissão obtida e utilizada, apresento mais um texto da mesma época – idos de 1914, presente no famoso conto ‘*Urupês*’, que reforça a inquietação e busca de forma lúdica degustar o cenário que espelha o encantamento da vida com as belezas naturais em contraste com a visão do Jeca Tatu, ainda incompreendido.

*“No meio da natureza brasílica, tão rica de formas e cores, onde os ipês floridos derramam feitiços no ambiente e a inflorescência dos cedros, às primeiras chuvas de setembro, abre a dança dos tangarás; onde há abelhas de sol, esmeraldas vivas, cigarras, sabiás, luz, cor, perfume, vida dionisiaca em escacho permanente, o caboclo é o sombrio urupê de pau podre, a modorrar silencioso no recesso das grotas. Só ele não fala, não canta, não ri, não ama. Só ele, no meio da mata de tanta vida, não vive...”*²³

Descrever de forma clara um mundo tão intrincado quanto o de uma floresta é para poucos privilegiados e essa capacidade ao final reverbera na vasta literatura por ele apresentada ao longo de sua vida e que persiste atual quando estamos próximos à celebração dos 80 anos da sua morte.

Outros temas também foram parte importante na vida de Lobato, por exemplo: a participação em debates públicos sobre o aproveitamento racional das riquezas brasileiras era uma das suas predileções, sempre instigando para que esse debate movesse rios a favor do país.

A defesa do petróleo nacional, sintetizada em seu célebre lema "O petróleo é nosso" e descrita na saga ‘*O Escândalo do petróleo e Ferro*’²⁴, tornou-se símbolo de

²³ LOBATO, Monteiro; “*Urupês*”. In: *Urupês e outros contos*. Jandira/SP: Ciranda Cultural, 2019.

²⁴ LOBATO, Monteiro; *O Escândalo do Petróleo e Ferro*. São Paulo/SP: Editora Brasiliense Ltda, 1962.

sua militância por um país menos dependente do capital estrangeiro e mais soberano em relação aos seus bens naturais.

Ao adotar posturas dessa magnitude Monteiro Lobato evidencia sua preocupação com o destino coletivo e a necessidade de planejamento estratégico, ao tempo que aponta para linhas de um pensamento ambiental embrionário, ainda que formulado sob as bases do desenvolvimento econômico.

Sua crítica ao extrativismo predatório e à negligência do Estado em relação ao aproveitamento dos recursos naturais antecipa debates que só se tornariam habituais décadas adiante.

A valorização do campo e da figura do homem simples encontra lugar central em sua obra. A imagem do Jeca Tatu, embora inicialmente estereotipada, evolui para um símbolo da injustiça social e da urgência de políticas públicas voltadas ao saneamento, à saúde e à educação. Com o tempo, o próprio autor revê a representação do caipira, passando a enxergá-lo como vítima das omissões do poder público. Essa transformação do olhar de Lobato pode ser lida como uma abertura a uma concepção mais humana e complexa das relações entre sociedade e natureza, nas quais a degradação ambiental e a miséria social se entrelaçam.

Seu engajamento político e diplomático foi outro fato que contribuiu para sua visão sobre o meio ambiente e o desenvolvimento sustentável. Como adido comercial nos Estados Unidos, entre 1927 e 1931, Lobato demonstrou interesse por fontes alternativas de energia, como os óleos vegetais de coco, macaúba e babaçu, que ele julgava viáveis para o Brasil. É com esse perfil de observações que ele revela não apenas um espírito atento às inovações tecnológicas, mas também uma disposição em pensar soluções adaptadas à realidade brasileira.

No mesmo período, Lobato destacou o potencial do turismo como motor de sustentabilidade, associando-o à geração de renda e à valorização da identidade nacional e seus encantos. Tal fato reforça o diagnóstico dado em 2 de abril de 1876 pelo engenheiro abolicionista monarquista e conservacionista *André Rebouças*²⁵ e publicado no boletim do IHGPR Instituto Histórico e Geográfico do Paraná em 1917 onde, inspirado pelas implantações de áreas de proteção realizadas nos Estados

²⁵ REBOUÇAS, A.P.; *André Rebouças, visionário propôs área de conservação para turismo ecológico*. <https://ihgpr.com.br>

Unidos, aponta os benefícios e reforça a disposição em apoiar a criação de espaços de conservação no Brasil destinados à visitação pública, turismo ecológico e proteção ambiental, plenamente alinhado com a visão lobatiana.

Em outro movimento incomum, é possível identificar nas propostas de MLobato uma preocupação recorrente com formas de crescimento que beneficiem amplamente a população sem esgotar os recursos disponíveis. Sua crença na educação como alicerce para esse projeto é manifestada com frequência cada vez mais intensa. É nesse sentido que sua atuação pode ser compreendida como precursora de ideias mais contemporâneas de justiça ambiental, onde reconhecer que proteção da natureza passa, necessariamente, pela ação de proteger os que dela dependem para viver.

Essa visão crítica está presente em suas correspondências, como na carta publicada em *‘Mr. Slang e o Brasil’*, onde escreve:

*“Enquanto não se compreender que o Brasil não é só o Rio e São Paulo, mas essa imensidão matuta, sem estrada, sem escola, sem trato, estaremos sempre plantando civilização em terreno sem adubo.”*²⁶

A metáfora do “terreno sem adubo” é eloquente: denuncia o abandono das bases do país — a terra e o povo — como entrave ao progresso. Ao destacar a ausência de trato, Lobato reconhece a necessidade de cuidar da terra não apenas como suporte produtivo, mas como fundamento da vida nacional.

E reforça sua crença nacionalista quando aponta no *‘Pelo Triângulo Mineiro’*:

“Não conheço todos os estados do Brasil, mas em todos que conheço me senti tão em casa como na minha cidade natal. Senti-me nacionalizado. Daí minha ideia enunciada em ‘América’: “A primeira significação do ferro é transporte em todas as suas modalidades. Só o transporte suprime o regionalismo e, portanto, só o transporte nacionaliza”. A virtude está no meio, o regionalismo levado ao excesso acarreta diferenciação de

²⁶ LOBATO, Monteiro; *Mister Slang e o Brasi: colóquios com o inglês da Tijuca*. São Paulo/SP: Lafonte, 2019.

*mentalidade e antagonismos invencíveis, fomentando a ideia separatista. Se, excesso, apenas significará estímulo construtor.”*²⁷

Para outro momento, destaco o texto lobatiano ‘*A Paisagem Brasileira*’ que, ao defender o trabalho do paulistano José Wasth Rodrigues (pintor, desenhista, ilustrador, ceramista professor e historiador brasileiro), define com sutileza o termo paisagem como sendo:

“Paisagem é o revestimento superficial do globo, num quadro que vai de polo a polo, por meio da árvore, da água e do relevo orográfico; desenho inadjetivável que o sol pela manhã transforma em pintura viva, pintura que sem parar esgota a gama inteira dos valores e tons até, em seguida à apoteose do ocaso, se desfazer em trevas.

*Paisagem brasileira é essa tela desdobrada por mais de oito milhões de quilômetros quadrados, na amplitude dos quais a natureza assume todas as modalidades possíveis – campos nativos, floresta tropical, carrascais, desertos, pântanos, cordilheiras, rios e pampas.”*²⁸

Como vemos, Monteiro Lobato jamais precisou declarar-se ambientalista.

O que moveu suas ideias foi algo mais sutil, mais profundo e inquietante: uma forma de ver o mundo em atrito permanente entre a lógica extrativista e o descaso institucional em relação ao território nacional, essa dicotomia atuava como reforço de suas crenças à busca de um país melhor a cada dia.

“Todos nós temos na vida uma só coisa que nos interessa: o nosso problema pessoal. O Brasil, como povo, significa um bloco de trinta milhões de problemas pessoais que intentam resolver-se – e se resolveriam muito bem, visto como a criatura humana é engenhosíssima nesta matemática, se não interviesses dois fatores anômalos – abuso das autoridades e reflexos inconciliáveis da má organização político-social. Mas os fatores anômalos intervêm e o problema pessoal encrenca-

²⁷ LOBATO, Monteiro; “*Pelo Triângulo Mineiro*” In: *Fragmentos, opiniões e miscelânea*. São Paulo/SP: Globo, 2010.

²⁸ LOBATO, Monteiro; “*A Paisagem Brasileira*”. In: *Ideias de Jeca Tatu*. São Paulo/SP: Globo, 2008.

se, tornando-se “um caso”. Ora, como no Brasil o arbítrio da autoridade virou regra e a organização político-social é perto de monstruosa, podemos afirmar sem medo de erro que os trinta milhões de problemas pessoais que somos equivalem a trinta milhões de casos pessoais.”²⁹

E foi dessa forma, através da publicação do texto acima intitulado ‘*Audiências Públicas*’, que Lobato pôs em relevo as ações retomadas pelo governo reforçando a visão desenvolvimentista cuja chama está na união dos princípios e, nada melhor que as riquezas naturais para movimentar essa potência adormecida.

Em suas cartas, como as reunidas em ‘*A Barca de Gleyre*’ e em seus relatórios diplomáticos, emerge uma convicção que ardia por dentro: o Brasil desperdiçava suas vocações naturais! Ao observar o cotidiano rural, as queimadas, a destruição das matas, o abandono do solo, Lobato intuía outras possibilidades.

Sua passagem como adido comercial nos Estados Unidos foi decisiva. Lá, vivenciou o desenvolvimento técnico, o aproveitamento racional dos recursos, a pesquisa agrícola integrada ao ensino e à indústria. E mais: vivenciou como o Estado, quando mobilizado, podia fomentar inovação, crédito e conservação. Em contraste, o Brasil parecia um solo fértil maltratado por políticas míopes e elites desatentas.

Como Jorge Gerdau cita em seu livro ‘*A Busca: os aprendizados de uma jornada de inquietações e realizações*’ – “*Há ideias que tardam a explodir, mas fermentam no íntimo até mover toda uma trajetória*”³⁰. Em Lobato, essa fermentação ganha corpo nas palavras afiadas, nas propostas ousadas e nos personagens que transforma em pontes entre o homem, a ciência e a natureza, construindo a ignição necessária para uma exitosa trajetória de futuro.

Com isso, o pensamento ambiental em Lobato talvez tenha nascido sem rótulo — mas nasceu! Nasceu da experiência, da leitura de mundo, da percepção de que um país só progride de fato quando cuida da terra que o sustenta.

Assim, nesse capítulo, vemos Monteiro Lobato como um pensador inquieto, comprometido com o progresso do país e atento às relações entre natureza, sociedade e Estado. Seus escritos e sua militância configuram uma visão crítica da realidade

²⁹ LOBATO, Monteiro; “*Audiências Públicas*”. In: *Fragmentos, opiniões e miscelânea*. São Paulo/SP: Globo, 2010.

³⁰ GERDAU, J.; *A busca: os aprendizados de uma jornada de inquietações e realizações*. Porto Alegre/RS: Citadel, 2024.

brasileira e apontam, com notável antecedência, caminhos possíveis para uma convivência mais equilibrada entre o ser humano e o meio ambiente.

No capítulo seguinte, essa perspectiva ganhará ainda mais corpo ao examinarmos como, por meio da literatura especialmente a voltada ao público infantil, Lobato semeou ideias ligadas à valorização da biodiversidade, à curiosidade científica e ao respeito pelos elementos naturais que compõem nossa identidade nacional.

CAPÍTULO 3 – BIODIVERSIDADE E CONSERVAÇÃO NA LITERATURA LOBATIANA

A obra de Monteiro Lobato oferece uma riqueza de símbolos, narrativas e personagens que, mesmo criadas com intuições literárias e pedagógicas, dialogam profundamente com questões ambientais contemporâneas. Sua literatura infantil, muitas vezes vista como instrumento de alfabetização ou de moralização, revela, sob outra ótica, um pensamento que antecipa debates ecológicos, sociais e culturais que só ganhariam força muitas décadas depois.

Já nos deparamos, ao longo dos capítulos anteriores, com a força e o pioneirismo do pensamento lobatiano em sua vertente ambiental expresso pela forma como se entrega ao descrever habitats naturais, assim como o promovido na abertura do conto ‘Bocatorta’ de 1915 para revelar um brejo:

“A meio entre o povoado e o estirão das matas virgens dormia de papo acima um famoso pântano. Pego de insidiosa argila negra fraldejado de velhos guembês nodosos, a taboa esbelta cresce-lhe à tona, viçosa na folhagem erétil que as brisas tremelicam. Pela inflorescência, longas varas soerguem-se a prumo, sustendo no ápice um chouriço cor de telha que, maturado, se esbruga em paina esvoaçante. Corre entre seus talos a batuíra de longo bico, e saltita pelas hastes a corruíla do brejo, cujo ninho bojudo se ouriça nos espinheiros marginais. Fora disso, rãs, mimbuais pensativas e, a rabear nas poças verdinhas de algas, a traíra, esse voraz esqualozinho do lodo. Um brejo, enfim, como cem outros.”³¹

Agora, observamos esse olhar em ação, no plano da ficção e da educação, onde o autor, de modo lúdico, convida as crianças (e os adultos que as leem) a uma relação de pertencimento com o mundo natural.

Essa atitude questionadora é levada ao extremo na figura de Emília, a boneca que adquire consciência crítica e liberdade verbal. Em suas aventuras, ela não hesita em desafiar autoridades, desconstruir certezas e experimentar alternativas. Sua voz irreverente antecipa a necessidade, tão urgente no pensamento ambiental

³¹ LOBATO, Monteiro; “Bocatorta”. In: *Urupês e outros contos*. Jandira/SP: Ciranda Cultural, 2019.

contemporâneo, de repensar narrativas, linguagens e práticas frente à crise ecológica global. Em *'A Reforma da Natureza'*, sua proposta é transformar a natureza para ajustá-la ao gosto humano, em um juízo irônico à lógica utilitarista da modernidade. Por outro lado no *'A Chave do Tamanho'*, Emilia compreende a situação assume a necessidade de evoluir ao lembrar do conceito de Seleção Natural que havia aprendido com o Visconde e filosofa: “Ah, você está parado, não se aperfeiçoa, não é? Pois então leve a breca.”³² e com isso, obter o vigor necessário para sua jornada.

Nos dias de hoje, propostas de reforma e mudanças dialogam com dilemas éticos e ecológicos de biotecnologias como a edição genética e os organismos transgênicos, mostrando a atualidade de sua provocação para evolução.

As caçadas descritas com naturalidade nos livros de Lobato, como em *'Caçadas de Pedrinho'*, revelam um Brasil ainda vinculado a valores extrativistas e à visão antropocêntrica. A narrativa, no entanto, também permite a leitura de uma infância em processo de aprendizado sobre os limites dessa ação sobre o meio. Na atualidade, há programas como o *Biota Coexiste*³³ no Estado de São Paulo, voltados para a mitigação de conflitos entre humanos e a fauna, reforçando a posição de uma convivência respeitosa; transformando de forma definitiva a lógica predatória presente no cotidiano.

Por sua vez, na visão de *Vladimir Sacchetta* (SACCHETTA, 2003 apud BENEDITO, 2026) – “A cultura popular é um elemento essencial à identidade de um povo.”³⁴ e, tal compreensão alinhada à valorização do imaginário popular, dos mitos e das lendas, presente em *'O Saci-Pererê: resultado de um inquérito'*³⁵ promove elementos relevantes para a construção cultural brasileira. Essa escuta ativa dialoga, em certa medida, com as metodologias participativas utilizadas em planos de ação territorial, como as que orientam projetos à semelhança da *Rota do Pinhão*³⁶, criados com foco no desenvolvimento regional, a partir de referências socioculturais e ecológicas, fortalecidas através de vínculos culturais e afetivos, promovendo a redução das vulnerabilidades relacionais.

³² LOBATO, Monteiro; *A Chave do Tamanho*. São Paulo/SP: Globinho, 2016

³³ Sobre o projeto Biota-Fapesp e o programa Biota Coexiste: ver [https://biota.org.br].

³⁴ BENEDITO, M. *O Saci nos une, Sacchetta! Nossas utopias também*. Revista Fórum, 15 maio 2026. Disponível em: https://revistaforum.com.br/opiniaosaci-uniao-sacchetta-utopias/. Acesso em: 16 maio 2026.

³⁵ LOBATO, Monteiro; *O Saci-pererê: resultado de um inquérito*. São Paulo/SP: Globo, 2008.

³⁶ Sobre o projeto Rotas do Pinhão: ver [https://www.rotasdopinhao.com.br]

Tia Nastácia, uma das personagens mais densas e simbólicas de Lobato, representa as raízes negras da cultura brasileira, muitas vezes invisibilizadas. Suas receitas, histórias e práticas são expressão de uma sabedoria ancestral, cada vez mais presente nas feiras regionais e nos programas de valorização dos produtos da terra promovidos por instituições como o SENAR³⁷. A força de sua figura ganha contornos de resistência e afirmação de uma forma particular de viver e produzir no Brasil profundo. O respeito pelas crenças e a oferta transparente dos ensinamentos adquiridos pela vivência, contrasta com a baixa erudição e oferece segurança a todos que a cercam.

Um discreto personagem, Sizenando Capistrano, fundamental para a riqueza simbólica do saber e da valorização da terra, pode ser reconhecido no conto '*O Luzeiro Agrícola*'³⁸ onde, após ver seus dotes poéticos rejeitados, encontra abrigo no Ministério da Agricultura tornando-se agente de transformação rural. E surge como representante do esforço em levar inovação ao campo, associando ciência, produtividade e esperança de progresso. Sua trajetória revela tanto o idealismo quanto as dificuldades reais da modernização agrícola no Brasil, lembrando que qualquer avanço sustentável precisa, necessariamente, dialogar com as condições locais e culturais da sociedade.

Voltando para as emblemáticas figuras que traduzem a valorização do conhecimento ecológico na obra lobatiana, destaco o Visconde de Sabugosa. De sabugo de milho e alma de erudito, o Visconde simboliza a inteligência investigativa, o respeito pelos ciclos da natureza e a busca constante por entender os segredos da natureza.

Assim, no universo do *Sítio*³⁹, ao analisar a terra da horta, catalogar espécies e debater hipóteses com as demais personagens, ele inaugura uma postura científica que, mais que impor verdades, busca dialogar e interagir com a complexidade do mundo natural. Seu método — misto de curiosidade, rigor e humildade — antecipa o espírito da ecologia contemporânea, que reconhece a interdependência entre sistemas vivos de todas as naturezas e a necessidade de abordagens transdisciplinares, uma ciência a serviço da vida, do conhecimento e do encantamento.

³⁷ SENAR – Serviço Nacional de Aprendizagem Rural: ver [www.cnabrazil.org.br/senar]

³⁸ LOBATO, Monteiro. "*O Luzeiro Agrícola*". In: Cidades Mortas e outros contos. São Paulo/SP: Ciranda Cultural, 2019.

³⁹ Análises referem-se ao conjunto de obras do Sítio do Picapau Amarelo: *A Reforma da Natureza*, *A Chave do Tamanho*, *Caçadas de Pedrinho*, *O Saci*, *O Poço do Visconde* e *Reinações de Narizinho* (Lobato, Monteiro. diversos volumes. Editora Globo).

A percepção prática do Visconde se manifesta de modo ainda mais claro em ‘*O Poço do Visconde*’⁴⁰, quando ele lidera uma expedição científica para investigar a possibilidade de encontrar petróleo no subsolo do Sítio. A curiosidade pelo solo, a organização da pesquisa e o cuidado em interpretar corretamente os fenômenos naturais reforçam a visão lobatiana da ciência como instrumento de autonomia nacional e de uso responsável dos recursos. O olhar investigativo do Visconde, voltado para as riquezas ocultas, reflete o anseio lobatiano por um Brasil que soubesse reconhecer, valorizar, respeitar e proteger seu patrimônio natural.

Em outro plano, Narizinho, personagem que representa a espontaneidade e a sensibilidade infantil, surge também um dos principais símbolos da ligação afetiva com o mundo natural. Em ‘*Reinações de Narizinho*’⁴¹, sua relação com o Sítio do Picapau Amarelo é marcada pelo encantamento diante das árvores, dos riachos, dos animais e da vida ao ar livre, revelando uma percepção do ambiente no cuidado, na curiosidade e no pertencimento.

A valorização dos conceitos associados a Narizinho permite sintetizar na personagem o sonho de transformar o Sítio em um bosque vivo e vibrante. No imaginário construído em torno da personagem, o ato de plantar árvores adquire dimensão ética e afetiva, como expressão de um cuidado capaz de atravessar gerações, oferecendo sombra e frutos ao futuro e contribuindo para uma consciência preservacionista.

Tal sensibilidade extrapola o espaço físico do Sítio e alcança o imaginário do Reino das Águas Claras onde, a convivência respeitosa entre os seres e a manutenção do equilíbrio dos ecossistemas aquáticos, reflete uma visão de mundo pautada pela harmonia entre meio ambiente e sociedade.

Narizinho representa diante da natureza o principal elo em todas as ações. Com seu olhar sonhador e sua capacidade de dialogar com peixes, plantas e seres fantásticos, ela simboliza a integração emocional com o mundo natural — uma ecologia da infância que valoriza o encantamento e a alteridade ao mistério da vida. Sua relação com o Reino das Águas Claras e sua amizade com personagens da fauna e da flora ilustram um modo de estar no mundo pautado pela celebração da diversidade. Em

⁴⁰ LOBATO, Monteiro; *O Poço do Visconde*. São Paulo/SP: Brasiliense, 2008

⁴¹ LOBATO, Monteiro; *Reinações de Narizinho*. São Paulo/SP: Brasiliense, 2008.

Narizinho, a educação ambiental se dá pelo cultivo da admiração, do respeito e do cuidado.

Essa aproximação entre texto literário e práticas contemporâneas permite reconhecer em Lobato um visionário que, mesmo com os limites de sua época, desenhou alternativas e plantou sementes para o que hoje se configura como pilares do pensamento ambiental.

A censura à exploração desenfreada da natureza, a valorização do conhecimento tradicional, o incentivo ao pensamento crítico e o estímulo à educação libertadora são temas e ações que atravessam sua obra e ganham nova vida quando confrontados com os desafios do presente.

Agora, se Emília representa a inquietação e o Visconde de Sabugosa simboliza o rigor científico, Dona Benta encarna a essência da educação transformadora no universo do Sítio do Picapau Amarelo. Sua postura de valorização do diálogo, da escuta atenta e da transmissão de saberes — tanto da tradição quanto da ciência — antecipa práticas hoje reconhecidas como fundamentais na Educação Ambiental.

E, através das atitudes acolhedoras de Dona Benta, é iniciada a formação de cidadãos conscientes, fruto da construção coletiva do conhecimento, numa perspectiva que integra cultura, natureza e responsabilidade ética.

As sementes dessa pedagogia plantadas por Lobato germinam, no presente, nas políticas públicas que promovem a educação ambiental nas escolas e comunidades, como previsto pela *Lei nº 9.394/1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional)*⁴² e pela *Política Nacional de Educação Ambiental*⁴³.

Em ‘*Serões no Sítio*’, Dona Benta transforma a curiosidade infantil em aprendizado ponderado (antecipando os princípios da educação ambiental moderna), pelo afeto e pelo estímulo à investigação e ao diálogo que encantam os personagens quando se reúnem para contar histórias, discutir ideias, atualizar inovações e práticas de extensão rural, donde o saber se dá em comunidade sem hierarquias rígidas. As rodas de conversa, oficinas e seminários que hoje integram estratégias de educação

⁴² BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília/DF, 23 dez. 1996.

⁴³ BRASIL. Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental e institui a Política Nacional de Educação Ambiental.

ambiental em escolas, centros culturais e associações rurais trazem esse mesmo espírito lobatiano de respeito e compartilhamento do saber.

Dessa forma, somos instados a reconhecer na literatura de Monteiro Lobato um verdadeiro espírito ambiental, que se manifesta na maneira como sua obra fomenta o cuidado, a ética e a responsabilidade para com o mundo natural. Sua escrita transcende o mero entretenimento e a instrução, consolidando-se como instrumento de formação séria e transformadora. Mais do que leitores, Lobato formou cidadãos conscientes, capazes de integrar o orgulho de ser brasileiro à consciência do valor e da preservação do meio ambiente.

Estudo recente de *Novaes e Coronel (2024)*⁴⁴ corrobora essa perspectiva ao demonstrar que as obras *‘Urupês’*, *‘Caçadas de Pedrinho’*, *‘O Poço do Visconde’* e *‘A Reforma da Natureza’* apresentam elevado potencial didático para o ensino de educação ambiental. A análise identificou abordagens dialógicas, conceituais e racionais capazes de instigar a curiosidade científica, promover reflexões sobre a natureza e, impulsionar uma formação mais consciente desde os primeiros anos escolares. Ao destacar a importância de personagens como Visconde e Emília nesse processo, os autores reafirmam a relevância da literatura lobatiana como um canal privilegiado para a construção de uma educação ambiental especial.

Uma das maiores virtudes de Monteiro Lobato está na sua capacidade de comunicar ciência em linguagem acessível, sem abrir mão da profundidade. Ao unir pedagogia, ficção e provocação, ele traduziu conhecimentos complexos — sobre biologia, química, geografia e ética — para leitores de todas as idades. Essa habilidade antecipou o que pensadores como *Marcelo Gleiser* defendem ao tratar da popularização científica: “o conhecimento só é transformador quando compreendido e apropriado socialmente”⁴⁵; assim, ao transformar o Sítio do Picapau Amarelo em uma verdadeira escola da natureza e da cidadania, Lobato pavimentou o caminho para uma educação ambiental ponderada, afetiva e participativa.

⁴⁴ NOVAES, L. A.; CORONEL, D. A. *A utilização da literatura de Monteiro Lobato como estratégia para inserção da temática educação ambiental nos anos iniciais do ensino fundamental*. Anais do Congresso ADMPG, 2024.

⁴⁵ GLEISER, M.; *A simples beleza do inesperado*. Rio de Janeiro/RJ: Record, 2016

CAPÍTULO 4 – MONTEIRO LOBATO PRECURSOR?

Se a obra lobatiana pode ser lida como antecipadora de muitos dos debates ambientais atuais, cabe agora aprofundar a análise sobre seu papel como possível precursor desse pensamento no Brasil. Assim sendo, resta apresentar, com o devido rigor, os elementos estruturais de sua visão que o aproximam dos pilares da consciência ambiental contemporânea.

Em primeiro lugar, Monteiro Lobato reconhece a interdependência entre o ser humano e o meio ambiente. Fato esse percebido quando da criação dos personagens que interagem constantemente com a natureza, seja nas matas, nos rios ou na horta do Sítio do Picapau Amarelo. Reforçando assim a ideia de que o mundo natural não é cenário, mas parte integrante da vida cotidiana. Essa compreensão é essencial à ecologia moderna, ao enfatizar a complexidade das redes de interações ecológicas.

Em segundo lugar, sua obra estimula uma postura ética diante da natureza. A crítica à destruição inconsequente, a valorização do saber tradicional e a curiosidade científica que permeia seus livros convergem para uma reflexão sobre os limites da exploração predatória. Emília, Visconde, Narizinho e Pedrinho, cada um a seu modo, questionam, aprendem e se transformam em contato com o mundo natural, convidando o leitor a fazer o mesmo. Essa perspectiva remete, ainda que de forma intuitiva, à *ética da terra* formulada por Aldo Leopold, segundo a qual “o ser humano deixa de integrar a comunidade biótica como dominador e passa a agir como membro e cidadão”.⁴⁶

A ênfase na educação, sobretudo na formação de um espírito investigativo e questionador, coloca Lobato em sintonia com princípios posteriormente associados à educação ambiental. Ao valorizar a leitura, o debate e a experiência prática, estabelece uma ponte entre conhecimento e ação, princípio central das pedagogias voltadas para a sustentabilidade.

Contudo, a ambiguidade do pensamento lobatiano torna-se evidente em textos como os reunidos em “A Barca de Gleyre”, onde expressa críticas duras ao desrespeito de caboclos à natureza que os sustenta:

⁴⁶ LEOPOLD, A.; *Almanaque de um condado arenoso e alguns ensaios sobre outros lugares*. Belo Horizonte/MG: Ed. UFMG, 2019.

“Atualmente estou em luta contra quatro piolhos desta ordem – ‘agregados’ aqui das terras. Persigo-os, quero ver se os estalos nas unhas. Meu grande incêndio de matas deste ano a eles o devo. Estudo-os. Começo a acompanhar o piolho desde o estado de lêmdea, no útero duma cabocla suja por fora e inçada de superstições por dentro.”⁴⁷

Aqui, o autor denuncia não apenas a destruição ambiental em si, mas o ciclo de ignorância, descuido e devastação que ameaça o sustento das comunidades.

Essa passagem poderia ser lida como um embrião de consciência ecológica, ainda difusa, mas ancorada na observação direta da degradação causada por práticas culturais e sociais de exploração inconsequente da natureza. Seu tom, ao mesmo tempo irônico e combativo, revela uma dimensão ética profunda, conectando-se à crítica contemporânea da lógica predatória e do descaso institucional.

Essa percepção é reconhecida por *Alice Mitika Koshiyama* que, em *‘Monteiro Lobato: intelectual, empresário, editor.’*, destaca a visão crítica da ação lobatiana acerca da dissonância cultural vigente.

“A segregação de uma parte do País, distante das possibilidades de ler livros, era um fato comprovado pelos estudos econômicos e sociais. O próprio escritor Monteiro Lobato também constatava o fenômeno: ‘Temos duas civilizações, ou melhor, duas “culturas”: a cultura importada, dos que vivem nas cidades, sabem ler e escrever e até livros escrevem, e a cultura local, filha da terra como um cogumelo é filho de um pau podre, desenvolvido pelos homens do mato – o caboclo, o caipira, o jeca, em suma’.”⁴⁸

Essa sensibilidade para com a terra — como organismo vivo e base da saúde do homem e da nação — aparece em *Velha Praga*, quando Lobato critica práticas agrícolas predatórias que promovem o esgotamento do solo e a degradação das

⁴⁷ LOBATO, Monteiro; “1914” In: *A Barca de Gleyre*. São Paulo/SP: Globo, 2010.

⁴⁸ KOSHIYAMA, A.M.; *Monteiro Lobato: intelectual, empresário, editor*. São Paulo/SP: Edusp: Com-Arte, 2006. (Memória Editorial)

condições de vida da população rural; sua queixa foi tamanha que o texto a seguir passou a ser, frequentemente, atribuído à sua autoria:

*“O solo é pobre, porque ninguém o alimenta. Trabalha-se nele como quem explora um veio de ouro: tirando tudo, devolvendo nada. [...] E o Jeca, criatura da terra, está como ela — esgotado, doente, ignorado.”*⁴⁹

Nesse trecho, o colapso ambiental se confunde com o social, revelando a crítica à exploração predatória e antecipando noções modernas de regeneração ecológica. Aqui, a terra e o homem se espelham, vítimas da mesma negligência histórica.

Um dos momentos mais reveladores da evolução do pensamento social e ambiental de Monteiro Lobato está na transformação do personagem Jeca Tatu. Em *‘Urupês’* (1918), o Jeca é apresentado como símbolo do atraso e da degradação provocados pela negligência social, protótipo do caboclo brasileiro marginalizado. Como o próprio autor enfatiza, *“o Jeca não é assim, está assim”*⁵⁰, sinalizando que o problema não reside na natureza do homem, mas nas condições de miséria e abandono em que vive. Tal autocrítica evidencia a mudança de perspectiva apresentada no prefácio da 4ª edição do *‘Urupês’*:

“Eu ignorava que eras assim, meu caro Jeca, por motivo de doenças tremendas. Está provado que tens no sangue e nas tripas todo um jardim zoológico da pior espécie. É essa bicharia cruel que te faz papudo, feio, molenga, inerte. Tens culpa disso? Claro que não. Assim, é com piedade infinita que te encara hoje o ignorantão que outrora só via em ti mamparra e ruindade. Perdoa-me, pois, pobre opilado, e crê no que te digo ao ouvido: és tudo isso sem tirar uma vírgula, mas ainda és a melhor coisa dessa terra. Os outros, que falam francês, dançam o tango, fumam havanas, e, senhores de tudo, te mantêm nessa geena infernal para que possam a seu salvo viver vida folgada, à custa do teu dolorido trabalho,

⁴⁹ Atribuído a Monteiro Lobato em diversas publicações, mas não localizado em edições específicas das obras *Urupês*, *Jeca Tatu*, *Velha Praga* ou *Problema Vital*. O trecho circula como representação fiel do pensamento lobatiano sobre a degradação do solo e do homem do campo.

⁵⁰ LOBATO, Monteiro; *Problema vital, Jeca Tatu e outros textos*. pág 21. São Paulo/SP: Globo, 2010.

esses, meu caro Jeca Tatu, esses têm na alma todas as verminoses que tu tens no corpo. Doente por doente, antes como tu doente só do corpo...”.⁵¹

Anos depois, em *‘A Ressurreição’*⁵², Lobato resgata a dignidade do personagem, associando sua regeneração à educação, à saúde pública e ao acesso mais justo à terra. Esse novo Jeca encarna o potencial de transformação social e ambiental do país, antecipando, à sua maneira, os princípios contemporâneos de desenvolvimento sustentável, nos quais justiça social, qualidade de vida e preservação ambiental caminham juntos.

Impulsionado pelo avanço da ciência e da tecnologia, Lobato extrapola os limites do presente e revela uma preocupação clara com o futuro. Em obras como *‘O Presidente Negro’* e *‘A Chave do Tamanho’*, projeta cenários de transformação política e social, antecipando reflexões hoje associadas aos desequilíbrios ambientais.

Em *‘O Presidente Negro’*, por exemplo, a lógica da segregação racial e da eugenia tecnológica pode ser lida como alegoria dos mecanismos de exclusão ecológica: o controle sobre quem vive, onde vive e com quais recursos.

Já em *‘A Chave do Tamanho’*, o colapso da ordem humana e a necessidade de adaptação a uma nova escala de vida sugerem uma crítica à hybris civilizatória e à urgência de repensar o lugar do homem no planeta.

Ao propor mundos distorcidos, Monteiro Lobato nos leva a refletir, ainda que simbolicamente, sobre as consequências da ruptura entre homem e natureza.

Sua atuação enquanto intelectual público, especialmente no período em que exerceu a função de adido comercial em Nova York, demonstra uma percepção estratégica em relação ao uso dos recursos naturais e à necessidade de diversificação econômica. Foi nesse período que propôs ao Itamaraty a venda do excedente de café estocado nos armazéns brasileiros à então União Soviética, buscando novos mercados e, dessa forma, reduzir a dependência comercial.

Tal iniciativa revela um projeto de modernização mais amplo: transformar o Brasil em nação próspera, capaz de converter o progresso técnico e o desenvolvimento

⁵¹ LOBATO, Monteiro; *Urupês e outros contos*. Jandira/SP: Ciranda Cultural, 2019.

⁵² LOBATO, Monteiro. *“A Ressurreição” In: Problema vital, Jeca Tatu e outros textos*. São Paulo/SP: Editora rGlobo, 2010.

produtivo em benefícios concretos para sua população, antevendo os caminhos do desenvolvimento sustentável.

Nesse espírito, sugeriu o aproveitamento de cascas de coco e de babaçu como combustível alternativo nas primeiras iniciativas da siderurgia nacional, demonstrando sensibilidade para o uso racional dos recursos naturais — uma preocupação que só viria a ser institucionalizada com a Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento da ONU, em 1982, e a publicação do *Relatório Brundtland* em 1987.

O conceito de “desenvolvimento sustentável”, definido no *Relatório Brundtland*, como aquele que “*procura satisfazer as necessidades da geração atual, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazerem suas próprias necessidades*”⁵³, permite alinhamentos com as visões de lobatianas sobre progresso, educação e uso responsável dos recursos da terra.

Esse comprometimento com a sustentabilidade se desdobra em múltiplas frentes de sua atuação como adido comercial. Em correspondência a Hélio Lobo, então chefe da Divisão de Propaganda do Itamaraty, Lobato manifesta clara indignação diante da devastação das matas nativas e se mostra atento à necessidade de políticas públicas de reflorestamento, antecipando princípios posteriormente associados à conservação e restauração ambiental, ao afirmar:

*“A tremenda destruição anual causada em nossas matas nativas pelo fogo só poderá ser contraminada por um movimento restaurador como o que em tamanha escala já se vem fazendo nos Estados Unidos.”*⁵⁴

É possível, inclusive, estabelecer paralelos entre sua indignação e o fortalecimento de políticas de proteção ambiental nos Estados Unidos, período em que o naturalista *Aldo Leopold* desenvolvia reflexões sobre a ética da conservação como pilar de uma nova relação entre sociedade e natureza.

Lobato, por sua vez, vislumbrava o Brasil como uma nação com potência energética singular pois, já nos anos 1920 apontava para o aproveitamento de óleos vegetais extraídos de espécies nativas como alternativas energéticas viáveis,

⁵³ ONU Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. Nosso Futuro Comum (Relatório Brundtland). Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1991.

⁵⁴ LOBATO, Monteiro. *Relatório ao Itamaraty*. 20ago1920. Arquivo Histórico do Itamaraty AHI, Brasília/DF.

afirmando o papel estratégico de uma matriz renovável brasileira — aspecto relevante no contexto marcado pela crescente expansão da demanda global por energia.

Atualmente esse pensamento reflete em investimentos bilionários na região do cerrado visando a geração de combustível sustentável de aviação (SAF) e diesel renovável (HVO) através do processamento da macaúba (*Acrocomia aculeata*), palmeira nativa perene.

A essa visão energética soma-se o olhar agudo de Lobato para o potencial do agronegócio brasileiro. A seu ver, a diversidade de biomas e culturas do país deveria ser aproveitada com inteligência, rompendo com a dependência da monocultura cafeeira e fortalecendo a presença do país no mercado internacional por meio da diversificação de produtos, tanto como matéria-prima quanto como bens de valor agregado.

Para Monteiro Lobato, a terra não era apenas território físico, mas solo de identidade, de pertencimento e de transformação. Seu olhar voltado à fertilidade do solo, à capacidade produtiva e ao respeito pelos ciclos naturais aproxima-se do que hoje associamos a princípios agroecológicos.

Essa compreensão do solo como organismo vivo – que requer cuidado, observação e reciprocidade – dialoga com fundamentos defendidos por estudiosos da agroecologia como *Ana Primavesi*, no que se refere à relação entre segurança alimentar e equilíbrio ecológico, baseada na “*observação da natureza e no respeito aos ciclos do solo e da vida*”.⁵⁵

Ao enaltecer o trabalho agrícola inteligente e criticar a destruição inconsequente da terra, Lobato intuía o potencial produtivo da agricultura brasileira, hoje amplamente reconhecida.

A relação entre território, recursos hídricos e consciência cidadã — aspectos que atravessam a obra de Monteiro Lobato — dialoga com estudos contemporâneos sobre percepção ambiental urbana. Em ‘*As nascentes e a cidade: um olhar para São José dos Campos*’, *Andrea Sundfeld et al.*⁵⁶ destacam que o cuidado com as águas urbanas deve ser entendido como um compromisso coletivo, ético e transformador. Essa visão

⁵⁵ PRIMAVESI, Ana. *Manejo ecológico do solo – agricultura em regiões tropicais*. São Paulo: Nobel, 2002.

⁵⁶ SUNDFELD, A. et al; *As nascentes e a cidade: um olhar para São José dos Campos*. São Paulo/SP: Cultura Acadêmica, 2021.

se alinha ao pensamento lobatiano, que desde o início do século XX já associava água, solo e vegetação como partes indissociáveis da vida e do progresso.

Ao denunciar a degradação ambiental causada pela ignorância e pelo descaso, Lobato antecipava o debate atual sobre a responsabilidade compartilhada na proteção dos bens naturais comuns, especialmente das nascentes e corpos d'água – fontes essenciais de vida.

A valorização econômica dos serviços ambientais — como a regulação hídrica, a fertilidade do solo, a manutenção da biodiversidade e a estabilidade climática — vem sendo estruturada no Brasil por meio de instrumentos como o Pagamento por Serviços Ambientais (PSA). Essas políticas buscam reconhecer e remunerar agricultores, comunidades e proprietários rurais por práticas que favoreçam a conservação ambiental e a manutenção contínua desses serviços à sociedade.

Autores como *Guedes e Seehusen*⁵⁷ destacam que, especialmente na Mata Atlântica, o PSA se apresenta como alternativa concreta para integrar conservação e desenvolvimento rural ao enxergar o produtor como guardião da paisagem e não como ameaça à floresta. Com uma visão mais ampla, *Pagiola, Carrascosa e Taffarello*⁵⁸, demonstram que, embora os desafios institucionais ainda sejam significativos, os programas de PSA no Brasil vêm consolidando uma nova lógica econômica para o campo: aquela que premia o uso responsável dos recursos naturais.

Estudos recentes, como o coordenado por *Ruggiero e colaboradores*⁵⁹ no âmbito do programa *Biota Síntese*, reforçam a lógica do PSA ao adotá-lo como uma solução baseada na natureza voltada à conservação e ao uso responsável dos recursos naturais. Essa perspectiva também se articula com propostas de conservação em ciclo contínuo, como destaca o estudo de *Flavio Ojidos et al*⁶⁰, ao defender a participação ativa da iniciativa privada e de associações locais na promoção de

⁵⁷ GUEDES, F.B. e SEEHUSEN, S.E. - organizadoras; *Pagamentos por Serviços Ambientais na Mata Atlântica: lições aprendidas e desafios*. Brasília/DF: Ministério de Meio Ambiente, 2011.

⁵⁸ PAGIOLA, S.; CARRASCOSA Von Glehn, H. de Q.; TAFFARELLO, D. *Experiências de pagamentos por serviços ambientais no Brasil*. São Paulo/SP: SMA/CBRN, 2013.

⁵⁹ RUGGIERO, P.G.C.; CHAVES, R.B.; SOUZA, F.H. de; SPAROVEK, G.; LEITE, S.A.; HAHN, C.M.; BRUNO, O.J.; SILVA, D.R.; TIBERIO, C.K.; KARVELIS, V.M.; CARRASCOSA Von Glehn, H. de Q.; *Pagamentos por Serviços Ambientais: teoria e prática. A experiência do estado de São Paulo*. Instituto de Estudos Avançados da USP; Secretaria de Meio Ambiente Infraestrutura e Logística (SEMIL), 2024. DOI: <https://doi.org/10.11606/9786587773698>.

⁶⁰ OJIDOS, F.; PADUA, C.V.; PELLIN, A.; *Conservação em Ciclo Contínuo: como gerar recursos com a natureza e garantir a sustentabilidade financeira de RPPNs*. Essential Idea Editora, 2018.

serviços ambientais, reforçando a lógica de corresponsabilidade entre múltiplos atores sociais na proteção da biodiversidade.

A experiência prática também encontra respaldo em iniciativas de difusão técnica e apoio direto ao produtor, como evidencia o trabalho de *Luiz Mauro Barbosa*⁶¹, que reuniu recomendações de espécies nativas para restauração ecológica específicas para diferentes biomas no Estado de São Paulo. Esse tipo de orientação, ao conectar ciência, tradição e manejo sustentável, amplia as possibilidades de reflorestamento produtivo e conservação integrada às paisagens agrícolas, em sintonia com a visão lobatiana de valorização da terra e dos saberes locais.

Estudos recentes como o coordenado por *Carlos Eduardo F. Young et al*⁶², intitulado '*Economia do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável*', reforçam as possibilidades de avanço na transição para uma economia verde através da adoção de princípios capazes de imprimir relações de sinergia, reorientar fundamentos macroeconômicos e valorizar a qualidade da produção apoiada no cuidado ambiental.

Essa lógica dialoga com o pensamento de Monteiro Lobato, que já via no uso inteligente dos recursos naturais e da terra uma oportunidade civilizatória articulando ciência, diversidade agrícola, justiça social, proteção ao meio ambiente e progresso sustentável.

Na literatura e nas entrelinhas de suas metáforas vemos esse ideal encarnado no Jeca regenerado, a favor da biodiversidade, que abandona práticas destrutivas como o uso do fogo e adota métodos de produção mais equilibrados, como na proteção das matas ciliares, das nascentes e dos veios d'água. E, de forma ainda mais simbólica, o próprio Saci, que apesar de facilitar as incursões produtivas no mato, sempre preservava certos territórios intocados — como se já intuisse a importância de manter determinados espaços protegidos, aquilo que hoje podemos reconhecer, em sentido amplo, como áreas protegidas.

A consolidação de instrumentos como o PSA – Pagamento por Serviços Ambientais tem mobilizado diferentes áreas do conhecimento, refletindo avanços na valorização ecológica, econômica e cultural dos territórios.

⁶¹ BARBOSA, L.M.; SHIRASUNA, R.T.; LIMA, F.C.de; ORTIZ, P.R.T.; BARBOSA, K.C.; BARBOSA, T.C.; *Lista de espécies indicadas para restauração ecológica para diversas regiões do Estado de São Paulo*. IMESP Imprensa Oficial: São Paulo/SP, 2017.

⁶² YOUNG, C.E.F. et al; *Economia do meio ambiente e desenvolvimento sustentável: um olhar sobre o Brasil*. Rio de Janeiro/RJ: Synergia, 2025.

Autores como Metzger⁶³ e trabalhos como o apresentado por Nascimento e Oliveira⁶⁴ têm destacado o papel dos corredores ecológicos, da conectividade e da multifuncionalidade da paisagem como fundamentos de políticas eficazes, ao associarem estratégias produtivas à conservação ativa e reforçarem que a sustentabilidade se constrói com base em conhecimento e pactos sociais de longo prazo.

No campo normativo, o Brasil avançou com marcos como a *Lei da Mata Atlântica*⁶⁵, a *Política Nacional de Recursos Hídricos*⁶⁶ e, mais recentemente, a *Política Nacional de Pagamento por Serviços Ambientais (Lei nº14.119/2021)*⁶⁷. Essas conquistas, no entanto, só se materializam plenamente quando encontram lastro cultural — algo para o qual a obra lobatiana contribui de forma singular, ao sensibilizar gerações e traduzir o valor da natureza em linguagem acessível e simbólica.

Ainda que a legislação ambiental brasileira só viesse a se consolidar muitas décadas após, é possível enxergar no pensamento lobatiano uma antevisão de princípios que hoje orientam importantes normativas, como o Código Florestal instituído pela *Lei Federal nº12.651/2012*⁶⁸.

Ao condenar a devastação das margens dos rios e a destruição desenfreada das matas, Lobato antecipa o dever da preservação de áreas sensíveis para a manutenção dos ciclos da água, da fertilidade do solo e da biodiversidade. Tais pensamentos aproximam-se do conceito contemporâneo das Áreas de Preservação Permanente (APP's) voltado a proteção das zonas ripárias e no equilíbrio entre o uso produtivo da terra e a conservação dos sistemas naturais.

Na percepção de Rosa Maria Melloni, “Lobato não escrevia apenas para crianças ou adultos: escrevia para o país. Pensava com liberdade e ousadia, projetava soluções, denunciava absurdos. É um autor que cria e cutuca.”⁶⁹. Tal leitura permite

⁶³ METZGER, Jean Paul. *Conectividade e ecologia da paisagem na conservação da biodiversidade*. In: FONSECA, G. A. B. et al. *Biodiversidade e conservação no Brasil*. Belo Horizonte/MG: UFMG, 2001.

⁶⁴ NASCIMENTO, M. T.; OLIVEIRA, A. T. *Planejamento ambiental e conservação da biodiversidade: desafios e perspectivas*. In: Anais do Simpósio Nacional de Geografia e Meio Ambiente, 2016.

⁶⁵ BRASIL. Lei nº 9.985/2000 – Cria o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC).

⁶⁶ BRASIL. Lei nº 14.119/2021 – Institui a Política Nacional de Pagamento por Serviços Ambientais (PNPSA).

⁶⁷ BRASIL. Lei nº 9.433, de 8 de janeiro de 1997. Institui a Política Nacional de Recursos Hídricos.

⁶⁸ BRASIL. Lei nº 12.651, de 25 de maio de 2012. Dispõe sobre a proteção da vegetação nativa. Diário Oficial da União, Brasília, 28 maio 2012.

⁶⁹ MELLONI, R.M.; *Monteiro Lobato: a saga imaginária de uma vida*. São Paulo/SP: Plêiade, 1998.

ampliar a compreensão do pensamento lobatiano, reforçando um compromisso com a educação crítica e com a formação de uma consciência nacional integrada.

Reconhecer Monteiro Lobato como precursor do pensamento ambiental brasileiro significa reavaliar e expandir os limites históricos de sua obra, reafirmando sua trajetória de busca incansável pela melhor solução possível e confrontando sua ousadia intelectual com os desafios do presente.

Ao provocar, fantasiar e educar, Lobato plantou sementes que ainda hoje germinam em debates sobre biodiversidade, justiça ambiental, ética intergeracional e educação crítica.

Pelo resgate de personagens, paisagens e modos de vida tipicamente brasileiros, a literatura de Monteiro Lobato colabora para a construção de uma identidade nacional enraizada na biodiversidade e na cultura local. Sua obra permite reconhecer a natureza como parte constitutiva daquilo que somos. Nesse sentido, ao criar mitos e símbolos — como o Saci, a Cuca, o Visconde —, alicerçou uma ética do pertencimento que hoje reflete em práticas de conservação integradas ao saber tradicional e ao orgulho nacional.

Como observa *J. R. Whitaker Penteado*, “Lobato olhava para o Brasil com os olhos de quem sabia que a terra não era apenas o cenário, mas base para um projeto de futuro.”⁷⁰ Tal visão ajuda a compreender por que sua obra, mesmo atravessada por contradições, continua sendo referência para aqueles que desejam pensar o país com os pés no chão e os olhos voltados para a justiça ambiental, a educação transformadora e a valorização da nossa biodiversidade.

Decorre disso a necessidade de revitalizar o cuidado ambiental por meio de instrumentos, compromissos éticos e responsabilidades existenciais voltados à preservação da vida. Nesse espírito, uma reflexão atual de *Marcelo Gleiser*⁷¹, presente no ‘*O despertar do universo consciente*’, propõe que nossa responsabilidade com o planeta não deriva apenas da necessidade de preservá-lo, mas do reconhecimento de que somos parte intrínseca da teia cósmica — e que proteger a natureza é, ao mesmo tempo, proteger a nós mesmos.

⁷⁰ PENTEADO, J.R.W.; *Os filhos de Lobato: O imaginário infantil na ideologia do adulto*. Rio de Janeiro/RJ: Qualitymark / Dunya Editora, 1997.

⁷¹ GLEISER, M.; *O despertar do universo consciente: um manifesto para o futuro da humanidade*. Rio de Janeiro/RJ: Record, 2024.

Nesse contexto, cabe destacar a declaração resultante da Conferência da Organização das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente, de 1972 (Estocolmo/Suécia): *“Defender e melhorar o meio ambiente para as atuais e futuras gerações se tornou uma meta fundamental para a humanidade”*.

Ricardo Cardim, no livro *‘Paisagismo sustentável para o Brasil’*, afirma: *“Passados 50 anos, continuam aumentando a população humana, a ocupação, a urbanização e a degradação de áreas naturais no planeta, transformando as paisagens e os ecossistemas nativos cada vez mais em ambientes domesticados e projetados. As atividades de restaurar, manter e desenvolver paisagens sustentáveis se tornaram algumas das tarefas mais desafiadoras para diferentes áreas do conhecimento.”*⁷².

A convergência das diversas visões evidencia o quanto o pensamento de Lobato extrapola o campo literário e alcança dimensões profundas da formação cultural e ambiental brasileira. Mais que um autor clássico da infância, Monteiro Lobato pode ser considerado uma das vozes precursoras da consciência ambiental no Brasil, permanecendo atual mesmo após um século.

Ao cultivar ideias em solo fértil e fecundar consciências com a força de sua imaginação, Monteiro Lobato semeou e transformou o ambiente cultural brasileiro.

⁷² CARDIM, R.H.; *Paisagismo sustentável para o Brasil: integrando natureza e humanidade no século XXI*. São Paulo/SP: Olhares, 2022.

CAPÍTULO 5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos ao fim desta jornada investigativa com a convicção de que Monteiro Lobato testemunhou e participou ativamente das transformações culturais e sociais do Brasil, ao antecipar debates formalizados sob a bandeira da “questão ambiental”.

Sua obra, permeada por elementos do cotidiano rural, personagens em diálogo com a natureza e reflexões sobre o uso dos recursos naturais, delineia um pensamento ambiental potente e atual, no qual economia e ecologia, cultura e ética se articulam, reafirmando o despertar defendido por Lobato em *‘Arte Brasileira’*:

“Ai! Quando nos virá a esplêndida coragem de sermos nós mesmos, como o francês tem coragem de ser francês, e o inglês a de ser inglês, e o alemão a de ser alemão? Quando? Quando?”⁷³

A construção de uma economia baseada no respeito aos ciclos naturais, à diversidade biológica e à valorização dos recursos endógenos de cada região pressupõe uma mudança profunda na cultura e na ética das sociedades.

Ao denunciar a degradação ambiental, valorizar a educação científica e propor usos sustentáveis dos recursos naturais, Monteiro Lobato antecipou, em muitos aspectos, essa necessidade contemporânea.

Nesta dissertação, discutimos como os valores da ética da terra, da interdependência entre homem e meio ambiente e da educação como instrumento de emancipação estão presentes em seu legado. Vimos que, para além do escritor infantil consagrado, há em Lobato um pensador que se posiciona com profundidade, propõe com simplicidade e age com confiança a partir de um ideal de Brasil autônomo, justo e sustentável.

Sua atuação como intelectual público, inclusive em funções diplomáticas, revelou uma percepção de futuro que se coaduna com princípios do desenvolvimento sustentável formalizados apenas décadas à frente.

⁷³ LOBATO, Monteiro; *“Arte Brasileira” In: Ideias de Jeca Tatu*. São Paulo/SP: Globo, 2008.

O uso racional dos recursos, a busca por alternativas energéticas, a valorização da educação científica e o respeito à biodiversidade compõem uma constelação de temas presentes tanto em sua obra quanto em sua atuação cidadã.

Se, em capítulos anteriores, evidenciamos o diálogo entre Lobato e autores como *Ana Primavesi, André Rebouças, Alberto Torres, Aldo Leopold, Darcy Ribeiro, Gifford Pinchot, Henry Thoreau, José Bonifácio de Andrade e Silva e Rachel Carson*, foi para demonstrar sua vocação precoce para pensar, de maneira integrada, lúdica e transformadora, a relação entre cultura e natureza.

Esse pensamento manifesta-se nos detalhes da vida cotidiana narrada em seus escritos, nas aventuras fantásticas e nas propostas ousadas de reconfiguração do país.

Em sua obra, Monteiro Lobato mobiliza o imaginário coletivo ao revelar intuições, provocações e atitudes que apontam caminhos valiosos para a construção de uma educação ambiental brasileira com identidade própria, associando conhecimento científico, capacidade técnica e uso inteligente dos recursos naturais.

Na visão de *Marisa Lajolo*, apresentada em *'Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida'*⁷⁴, Lobato manteve ao longo de sua vida, um persistente compromisso com a construção de um Brasil autônomo, educado e socialmente transformador, sustentado por valores associados à conservação da biodiversidade e à relação entre sociedade e natureza.

Como bem observam *Carmen Lúcia de Azevedo e colaboradores*, *"O Brasil que Lobato vislumbrava era profundamente moderno, não no sentido de importação de ideias, mas na reinvenção de seu próprio destino. Seus textos gritam por autonomia, justiça e valorização da terra."*⁷⁵ Tal perspectiva reforça a compreensão de Lobato como um dos principais articuladores do pensamento ambiental e cultural brasileiro.

Nesse sentido, conclui-se que José 'Bento' Renato Monteiro Lobato merece ser reconhecido como uma das vozes inaugurais da consciência ambiental no Brasil. Seu legado literário e intelectual permanece atual e inspirador, especialmente quando buscamos caminhos sustentáveis para o desenvolvimento, a conservação da biodiversidade e a formação das novas gerações.

⁷⁴ LAJOLO, M.; *Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida*. São Paulo/SP: Editora Moderna Ltda., 2006.

⁷⁵ AZEVEDO, C.L.de; CAMARGOS, M.; SACCHETTA V.; *Monteiro Lobato, furacão na Botocúndia*. São Paulo/SP: Editora SENAC São Paulo, 2000.

CAPÍTULO 6 – BIBLIOGRAFIA

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGUS, I.; *Enfrentando o Antropoceno: capitalismo fóssil e a crise do sistema terrestre*. São Paulo/SP: Boitempo, 2023.

AZEVEDO, C.L.de; CAMARGOS, M.; SACCHETTA V.; *Monteiro Lobato, furacão na Botocúndia*. São Paulo/SP: Editora SENAC São Paulo, 2000.

BARBOSA, L.M.; SHIRASUNA, R.T; LIMA, F.C. de; ORTIZ, P.R.T.; BARBOSA, K.C.; BARBOSA, T.C.; *Lista de espécies indicadas para restauração ecológica para diversas regiões do Estado de São Paulo*. IMESP – Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: São Paulo/SP, 2017.

BENEDITO, M. *O Saci nos une, Sacchetta! Nossas utopias também*. Revista Fórum, 15 maio 2026. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/opinio/saci-uniao-sacchetta-utopias/>. Acesso em: 16 maio 2026.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília/DF, 23 dez. 1996.

BRASIL. Lei nº 9.433, de 8 de janeiro de 1997. Institui a Política Nacional de Recursos Hídricos. Diário Oficial da União, Brasília/DF, 9 jan. 1997.

BRASIL. Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental e institui a Política Nacional de Educação Ambiental.

BRASIL. Lei nº 9.985/2000 – Cria o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC).

BRASIL. Lei nº 12.651, de 25 de maio de 2012. Dispõe sobre a proteção da vegetação nativa. Diário Oficial da União, Brasília/DF, 28 maio 2012.

BRASIL. Lei nº 14.119/2021 – Institui a Política Nacional de Pagamento por Serviços Ambientais (PNPSA).

CARDIM, R.H.; *Paisagismo sustentável para o Brasil: integrando natureza e humanidade no século XXI*. São Paulo/SP: Olhares, 2022.

CARSON, R.; *Primavera silenciosa*. São Paulo/SP: Editora Gaia, 2010.

DARWIN, C.; *A Origem das Espécies*. São Paulo/SP: Edipro, 2018.

GALETTI, M. *Um naturalista no Antropoceno: um biólogo em busca do selvagem*. São Paulo/SP: Editora Unesp, 2024.

GERDAU, J.; *A busca: os aprendizados de uma jornada de inquietações e realizações*. Porto Alegre/RS: Citadel, 2024.

GLEISER, M.; *A simples beleza do inesperado*. Rio de Janeiro/RJ: Record, 2016

GLEISER, M.; *O despertar do universo consciente: um manifesto para o futuro da humanidade*. Rio de Janeiro/RJ: Record, 2024.

GRAEBER, D.; WENGROW, D.; *O despertar de tudo: uma nova história da humanidade*. São Paulo/SP: Companhia das Letras, 2022.

GRAY, J.; *Cachorros de palha: reflexões sobre humanos e outros animais*. Rio de Janeiro/RJ: Record, 2006.

GUEDES, F.B. e SEEHUSEN, S.E. - organizadoras; *Pagamentos por Serviços Ambientais na Mata Atlântica: lições aprendidas e desafios*. Brasília/DF: Ministério de Meio Ambiente, 2011.

KLEIN, A-M.; FFREITAS, B.M.; BOMFIM, I.G.A.; BOREUX, V.; FORNOFF, F.; OLIVEIRA, M.O.; *A Polinização Agrícola por Insetos no Brasil – Um Guia para Fazendeiros, Agricultores, Extensionistas, Políticos e Conservacionistas*. Albert-Ludwigs University Freiburg, Nature Conservation and Landscape Ecology, 2020. DOI:10.6094/UNIFR/151237.

KOSHIYAMA, A.M.; *Monteiro Lobato: intelectual, empresário, editor*. São Paulo/SP: Edusp: Com-Arte, 2006. (Coleção Memória Editorial).

KRENAK, A.; *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo/SP: Companhia das Letras, 2020.

LAJOLO, M.; *Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida*. São Paulo/SP: Editora Moderna Ltda, 2006.

LEOPOLD, A.; *Almanaque de um condado arenoso e alguns ensaios sobre outros lugares*. Belo Horizonte/MG: Editora UFMG, 2019.

LOBATO, Monteiro; *A Barca de Gleyre*. São Paulo/SP: Globo, 2010.

LOBATO, Monteiro; *A Chave do Tamanho*. São Paulo/SP: Globinho, 2016.

LOBATO, Monteiro; *A Onda Verde*. São Paulo/SP: Globo, 2008.

LOBATO, Monteiro; *A Reforma da Natureza*. São Paulo/SP: Globinho, 2016.

LOBATO, Monteiro; *América*. São Paulo/SP: Globo, 2009.

LOBATO, Monteiro; *Caçadas de Pedrinho*. São Paulo/SP: Brasiliense, 2008

LOBATO, Monteiro; *Cidades Mortas e outros contos*. Jandira/SP: Ciranda Cultural, 2019.

LOBATO, Monteiro; *Críticas e outras notas*. São Paulo/SP: Globo, 2009.

LOBATO, Monteiro; *Fragmentos, opiniões e miscelânea*. São Paulo/SP: Globo, 2010.

LOBATO, Monteiro; *Ideias de Jeca Tatu*. São Paulo/SP: Globo, 2008.

LOBATO, Monteiro; *Literatura do Minarete*. São Paulo/SP: Globo, 2008.

LOBATO, Monteiro; *Mister Slang e o Brasi: colóquios com o inglês da Tijuca*. São Paulo/SP: Lafonte, 2019.

LOBATO, Monteiro; *Na antevéspera*. São Paulo/SP: Globo, 2008.

LOBATO, Monteiro; *Negrinha*. São Paulo/SP: Lafonte, 2019.

LOBATO, Monteiro; *O Macaco que se fez homem*. São Paulo/SP: Globo, 2010.

LOBATO, Monteiro; *O Escândalo do Petróleo e Ferro*. São Paulo/SP: Editora Brasiliense Ltda, 1962.

LOBATO, Monteiro; *O Poço do Visconde*. São Paulo/SP: Brasiliense, 2008

LOBATO, Monteiro; *O Presidente negro*. Jandira/SP: Ciranda Cultural, 2019.

LOBATO, Monteiro; *O Saci-pererê: resultado de um inquérito*. São Paulo/SP: Globo, 2008.

LOBATO, Monteiro; *O Saci*. São Paulo/SP: Brasiliense, 2008.

LOBATO, Monteiro; *Prefácios e entrevistas*. São Paulo/SP: Globo, 2009.

LOBATO, Monteiro; *Problema vital, Jeca Tatu e outros textos*. São Paulo/SP: Globo, 2010.

LOBATO, Monteiro; *Reinações de Narizinho*. São Paulo/SP: Brasiliense, 2008.

LOBATO, Monteiro; *Urupês e outros contos*. Jandira/SP: Ciranda Cultural, 2019.

MELLONI, R.M.; *Monteiro Lobato: a saga imaginária de uma vida*. São Paulo/SP: Plêiade, 1998.

METZGER, J.P.; *Conectividade e ecologia da paisagem na conservação da biodiversidade*. In: FONSECA, G. A. B. et al. *Biodiversidade e conservação no Brasil*. Belo Horizonte/MG: UFMG, 2001.

MIRANDA, E. de; *Tons de verde: a sustentabilidade da agricultura no Brasil*. São Paulo/SP: Metalivros, 2018.

MORAES, M.G.de.; *O pensamento ambiental em José Bonifácio de Andrada e Silva*. Revista Vértices, [S. l.], v. 16, n. 2, p. 129–142, 2015.

NASCIMENTO, M. T.; OLIVEIRA, A. T.; *Planejamento ambiental e conservação da biodiversidade: desafios e perspectivas*. In: Anais do Simpósio Nacional de Geografia e Meio Ambiente, 2016.

NOGUEIRA-NETO, P.; *Vida e criação de abelhas indígenas sem ferrão*. São Paulo/SP: Editora Nogueirapis, 1997.

NOVAES, L. A.; CORONEL, D. A.; *A utilização da literatura de Monteiro Lobato como estratégia para inserção da temática educação ambiental nos anos iniciais do ensino fundamental*. Anais do Congresso ADMPG, 2024. https://admpg.com.br/2024/anais/arquivos/07262024_000700_66a311e4085c4. Acesso em 30abr25.

OJIDOS, F.; PADUA, C.V.; PELLIN, A.; *Conservação em Ciclo Contínuo: como gerar recursos com a natureza e garantir a sustentabilidade financeira de RPPNs*. São Paulo/SP: Essential Idea Editora, 2018.

ONU Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. *Nosso Futuro Comum* (Relatório Brundtland). Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1991.

PAGIOLA, S.; CARRASCOSA VON GLEHN, H. de Q.; TAFFARELLO, D.; *Experiências de pagamentos por serviços ambientais no Brasil*. São Paulo/SP: SMA/CBRN, 2013.

PASCHOAL, A.D.; *Pragas, agrotóxicos e a crise ambiente: problemas e soluções*. São Paulo/SP: Expressão Popular, 2019.

PENTEADO, J.R.W.; *Os filhos de Lobato: O imaginário infantil na ideologia do adulto*, Rio de Janeiro/RJ: Qualitymark/Dunya Ed., 1997.

PINCHOT, Gifford; *The Fight for Conservation*. The Project Gutenberg Ebook, 2024 Garrett Alley and Online Distributed Proofreading Team www.gutenberg.org

PRIMACK, R.B.; RODRIGUES, E.; *Biologia da Conservação*. Londrina/PR: Editora Planta, 2007. ISBN 85-902202-1-3 Depósito Legal na Biblioteca Nacional.

PRIMAVESI, A.; *Manejo ecológico do solo: agricultura em regiões tropicais*. São Paulo/SP: Nobel, 2002.

REBOUÇAS, A.P.; *André Rebouças, visionário propôs área de conservação para turismo ecológico*. <https://ihgpr.com.br>

RIBEIRO, D.; *O povo brasileiro: evolução e o sentido do Brasil*. São Paulo/SP: Companhia das Letras, 1995.

RUGGIERO, P.G.C; CHAVES, R.B.; SOUZA, F.H. de; SPAROVEK, G.; LEITE, S.A.; HAHN, C.M.; BRUNO, O.J.; SILVA, D.R.; TIBERIO, C.K.; KARVELIS, V.M.; CARRASCOSA VON GLEHN, H. de Q.; *Pagamentos por Serviços Ambientais: teoria e prática. A experiência do estado de São Paulo*. Instituto de Estudos Avançados da USP; Secretaria de Meio Ambiente Infraestrutura e Logística (SEMIL), 2024. DOI: <https://doi.org/10.11606/9786587773698>.

SAMPAIO, A.J.; *Biogeographia Dynamica: A Natureza e o Homem no Brasil*, Companhia Editora Nacional, Biblioteca Pedagógica Brasileira, coleção Brasileira, 1935. São Paulo/SP. <https://brasilianadigital.com.br>

SUNDFELD, A. et al; *As nascentes e a cidade: um olhar para São José dos Campos*; São Paulo/SP: Cultura Acadêmica, 2021.

TORRES, A.; *O Problema Nacional Brasileiro*. Companhia Editora Nacional, Coleção Brasileira v 16, 1978.

THOREAU, H.D.; *Walden ou A vida nos bosques*. São Paulo/SP: Edipro, 2018.

YOUNG, C.E.F. et al; *Economia do meio ambiente e desenvolvimento sustentável: um olhar sobre o Brasil*; Rio de Janeiro/RJ: Synergia, 2025.

MATERIAIS COMPLEMENTARES

BRANCALION, P.H.S.; GANDOLFI, S.; RODRIGUES, R.R.; *Restauração Florestal*. Oficina de Textos, 2015.

BRANCALION, P. H. S. et al. *Restauração ecológica e inovação*. Instituto Escolhas, 2021.

BURKHARD, G.K.; *As forças zodiacais: sua atuação na alma humana*. São Paulo/SP: Antroposófica, 1998.

CGEE Centro de Gestão e Estudos Estratégicos; *Importância dos polinizadores na produção de alimentos e na segurança alimentar global*. CGEE – SNCTI – MCTIC Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações, 2017.

CGEE – Centro de Gestão e Estudos Estratégicos. *Solo: sustento da vida*. Brasília: CGEE, 2020.

DARWIN, C.; *A expressão das emoções no homem e nos animais*. Companhia das Letras, 2000.

DARWIN, C.; *Viagem de um naturalista ao redor do mundo*, volume 1. L&PM Pocket, 2019.

EIR Executive Intelligence Review; *A Máfia Verde: o ambientalismo a serviço do Governo Mundial*. Distribuidora Record de Serviços de Imprensa, 2001.

KAPLAN, A.; *O processo social e o profissional de desenvolvimento: Artistas do Invisível*. Instituto Fonte para o Desenvolvimento Social e Editora Fundação Peirópolis, 2005.

LAGO, A.C. do; *A Bioeconomia Global: Levantamento Preliminar das Estratégias e Práticas do G20: uma contribuição para a Iniciativa de Bioeconomia do G20*. FGV-EAESP, 2024.

LEITE, M.; *Nos caminhos da biodiversidade paulista*. Secretaria do Meio Ambiente. Instituto Amigos da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

MARIANI FILHO, H.; *O estranho caso de Monteiro Lobato com a identidade nacional – interpretação da obra adulta*; Tese de Doutorado da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ: Escola de Comunicação, UFRJ/ECO, 2000.

METZGER, J.P. et al.; *Contribuições ao Plano de Ação Climática do Estado de São Paulo*. Instituto de Estudos Avançados da USP; Instituto de Pesquisas Ambientais, 2022.

MOREIRA, E.F.; TOURINHO, L.; CHAVES, R.B.; VIANA, B.F.; MENEZES, C.; AGOSTINI, K.; ABREU, C.M.G. de; AZEVEDO, C.M.do A.; LOPES, L.E.L.; IVANAUSKAS, N.M.; METZGER, J.P.; BOSCOLO, D.; *Potencial do serviço ecossistêmico de polinização no estado de São Paulo*. Instituto de Pesquisas Ambientais, 2024. DOI: <https://doi.org/10.11606/9786587773704>

NASCIMENTO, N.C.C.; CHAVES, R.B.; BRANCALION, P.H.S.; *Análise de mapeamento de biomassa e carbono no estado de São Paulo*. Instituto de Estudos Avançados da USP; Instituto de Pesquisas Ambientais, 2023.

OLIVEIRA, L.R.N.de et al; *Projeto Conexão Mata Atlântica em São Paulo / Secretaria de Meio Ambiente, Infraestrutura e Logística*. Fundação Florestal, FINATEC. SEMIL Secretaria de Meio Ambiente, Infraestrutura e Logística, 2024.

PERONI, N.; *Ecologia de populações e comunidades*. CCB/EAD/UFSC, 2011.

RANIERI, V.E.L. et al; *Pagamento por Serviços Ambientais (PSA); quando usar, concepção, execução e boas práticas /* (organização Simone Fraga Tenório Pereira

Linares, Maria José Brito Zakia e Caroline Picharillo). IPÊ Instituto de Pesquisas Ecológicas, 2024.

RELYEA, R.; RICKLEFS, R.; *A economia da natureza*. Guanabara Koogan, 2021.

RIBEIRO, S.M.C. et al; *Ecologia da paisagem no contexto luso-brasileiro: volume 1*. Appris, 2021.

RIBEIRO, S.M.C. et al; *Ecologia da paisagem no contexto luso-brasileiro: volume 2*. Appris, 2021.

SANDRONI, L.; *Minhas memórias de Lobato, contadas por Emília, Marquesa de Rabicó, e pelo Visconde de Sabugosa*. Companhia das Letrinhas, 1997.

SOUZA, F.H.; CHAVES, R.B.; BRAGA, A.G.; *Restauração de ecossistemas: financiamento por meio de Blended Finance e fundos de biodiversidade*. Instituto de Estudos Avançados da USP; Instituto de Pesquisas Ambientais, 2023.

URBAN, T.; *Saudade do matão: relembrando a história da conservação da natureza no Brasil*. Editora da UFPR; Fundação O Boticário de Proteção à Natureza; Fundação MacArthur, 1988.

VIEIRA, R. de C.M.T. et al; *Cadeias produtivas no Brasil – Análise da competitividade. Embrapa Comunicação para Transferência de Tecnologia*. Secretaria de Administração Estratégica, 2001.

VIEIRA, C. A. et al. *Ciência para o desenvolvimento sustentável no Brasil*. FAPESP, 2019.

WAAL, F. de; *A era da empatia: Lições da natureza para uma sociedade mais gentil*. Companhia das Letras, 2010.

WEDEKIN, I. et al; *Política agrícola no Brasil: o agronegócio na perspectiva global*. WDK Agronegócio, 2019.

WEDEKIN, L.L.; *Conservação da biodiversidade e instrumentos econômicos: o PSA como ferramenta para gestão territorial*. Revista de Política Ambiental, v. 25, 2020.